

MINSTÉRIO DA CULTURA
Fundação Biblioteca Nacional
Departamento Nacional do Livro

A POESIA INTERMINÁVEL DE CRUZ E SOUSA
João da Cruz e Sousa

JULIETA DOS SANTOS

A IDÉIA AO INFINITO
À distinta e laureada atrizinha Julieta dos Santos

*"...A fama de teu nome, a inveja
não consome, o tempo não destrói!...
Dr. Symphronio*

Era uma coluna de artistas!...
Ao lado Tasso
Medindo as múltiplas conquistas
Co'as amplidões do espaço!...
Seguia-se João Caetano
Embuçado da glória no divinal arcano!...
Depois Joaquim Augusto
Altivo, sobranceiro, erguido o nobre busto.
Depois Rachel, Favart,
Fargueil, a espadanar
Nas crispações homéricas da arte,
Constelações azuis por toda a parte!
E em suave ondulação os astros
Iam de rastros
Roubar mais luz às rúbidas auroras!...
Quais precursoras
Do mais ingente e mago dos assombros,
Do orbe imenso nos calcáreos ombros,
Rola um dilúvio, um grande mar de estrelas
Que lançam chispas cambiantes, belas!...
Há um estranho amalgamar de cousas
Como os segredos funerais das lousas
Ou o rebentar de artérias
— Ou o esgarçar de brumas,
Negras, cinéreas

— Ou o reverter de espumas,
Nas longas praias
Alvinitentes, mádidas, sem raias.
Do brônzeo espaço,
Das fibras d'aço
Como que desloca-se um pedaço
Que vai ruir com trépido sarcasmo
Nas obumbradas regiões do pasmo...
— O Invisível
Geme uma música, lânguida, saudosa,
Que vai sumir-se na entranha silenciosa
Do impassível!
— O Imutável
— O Insondável
La vão cair no seio do inciado.
E o bosque irado
A soletrar uns cânticos titânicos
Lança nos crânios
Aluvião de auras epopéias
Tétricas idéias!...
E o pensamento embrenha-se nos mares
E vê colares
De néveas pérolas, límpidas, nitentes
E vê luzentes
Conchas e búzios e corais, — ondinas
Que peregrinas
Aspásias são de lúcida beleza,
De moles formas, desnudadas, brancas
Sendo a primesa
Dessas paragens hiemais e francas!...
— Ou quais Frinés
A quem aos pés
O mundo em ânsias, reverente adora
E chore e chora!...
.....
Mas a idéia o pensamento insano
As asas bate em busca de outro arcano,
E o manto rasga do horizonte eterno
Vai ao superno
Ao Criador, ao Menestrel dos mundos!
E n'uns arroubos, rábidos, profundos
Em luta infinda
— Oh! quer ainda
Quer escalar o templo do impossível,
Bem como um raio abrasador, terrível!...
Quer se faltar de maravilhas loucas,
Quer ver as bocas
Dos colossais Anteus da eternidade!...

Quer se fartar de luz e divindade
E de saber,
Depois jazer
Nas invisíveis dobras do insondável,
Bem como um verme, mísero, imprestável!...
— Ou quer ousado
Descortinar os crimes do passado
E apalpar as gerações dos Gracos
Dos Espartanos
E dos Troianos
E dos Romanos,
Dos Sarracenos
E dos Helenos,
E esbarrar nesse montão de ossos
Por esses fossos
Tredos, medonhos, sepulcrais e frios
Onde sombrios
Andam espíritos de pavor, errantes
E vacilantes
Como a luzinha das argêntas lampas,
Lentos e lentos através das campas!...
.....
Mas a idéia, o pensamento audaz
Quer ainda mais!...
Quer do ribombo do trovão pujante
Já n'um esforço adamastório, tredo
Embora a medo,
— O atroz segredo
Com que ele faz a terra palpitante!...
E quer dos ventos
Dos elementos
Quer do mistério a solução! — Nas trevas
Hórridas, sevas,
A gargalhada
Ríspida, negra irônica, pesada,
Estruge enfim, da morte legendária,
E a idéia vária
Ainda n'isso ousando penetrar,
Tenta sondar!...
E em vão, em vão
A mergulhar-se em tanta confusão
Não mais compreende
— O que saber pretende!...
Assim, oh! gênio,
Na ofuscadora auréola do proscênio
Não sei se és astro, se és Esfinge ou mito,
Se do infinito
Possuis o encanto, os esplendores grandes,

Ou se dos Andes
Águia tu és, ou és condor divino,
— Ou és cometa de cuja cauda enorme
É multiforme
Só lágrimas de prata
Ou mesmo se desata
Um vagalhão de palmas, diamantino!!...
Minh'alma oscila e até na frente sinto
Medonho labirinto,
Estúpida babel,
E vou cair, revel
No pélago sem fim dos nadas materiais!...
E como os racionais
Eu fico a ruminar ainda umas idéias
De erguer-te, o novo Talma
Um trono singular, mas feito de — Odisséias
De brancas alvoradas,
Olímpicas, nevadas,
Dos êxtases magnéticos, nervosos de minh'alma!

SONETO

— Os Trópicos pulando as palmas batem...
Em pé nas ondas — O Equador dá vivas!...

Ao estrídulo solene dos bravos! das platéias,
Prosegues altaneira, oh! ídolo da arte!...
— O sol pára o curso p'ra bem de admirar-te
— O sol, o grande sol, o misto das idéias!...

A velha natureza escreve-te odisséias...
A estrela, a nívea concha, o arbusto... em toda a parte
Retumba a doce orquestra que ousa proclamar-te
Assombro do ideal, em duplas melopéias!

Perpassam vagos sons na harpa do mistério
Lá, quando no proscênio te ergues imperando
— Oh! Íbis magistral do mundo azul — sidéreo!

Então da imensidade, audaz vem reboando
De palmas o tufão, veloz, febril, aéreo
Que cai dentro das almas e as vai arrebatando!...

SONETO

À Julieta dos Santos

Dizem que a arte é a clâmide de idéia
A peregrina irradiação celeste,
E d'isso a prova singular já deste
Sorvendo d'ela a divinal sabéia!

Da “Georgeta” na feliz estréia,
Asseverar-nos ainda mais vieste
Que és um gênio, que te vais de preste
Tornando o assombro de qualquer platéia!...

Sinto uns transportes fervorosos, ledos
Quando nas cenas de sutis enredos
Fulgem-te os olhos co'a expressão dos astros!...

E as turbas mudas, impassíveis, calmas
Sentem mil mundos lhes crescer nas almas...
Vão-te seguindo os luminosos rastros!...

SONETO

À Julieta dos Santos

Um dia Guttemberg c'o a alma aos céus suspensa,
Pegou do escopro ingente e pôs-se a trabalhar!
E fez do velho mundo um rútilo alcançar
Ao mágico clangor de sua idéia imensa!

Rolou por todo o globo a luz da sacra imprensa!
Ruiu o despotismo no pó, a esbravejar...
Uniram-se n'um lago, o céu, a terra, o mar...
Rasgou-se o manto atroz da horrível treva densa!...

Ergueram-se mil povos ao som das melopéias,
Das grandes cavatinas olímpicas da arte!
Raiou o novo sol das fúlgidas idéias!...

Porém, quem lança luz maior por toda a parte
És tu, sublime atriz, ó misto de epopéias
Que sabes no tablado subir, endeusar-te!...

SONETO

À Julieta dos Santos

É delicada, suave, vaporosa,
A grande atriz, a singular feitura...
É linda e alva como a neve pura,
Débil, franzina, divinal, nervosa!...

E d'entre os lábios cetinais, de rosa
Libram-se pérolas de nitente alvura...
E doce aroma de sutil frescura
Sai-lhe da leve compleição mimosa!...

Quando aparece no febril proscênio
Bem como os mitos do passado, ingentes,
Bem como um astro majestoso, helênio...

Sente-se n'alma as atrações potentes
Que só se operam ao fulgor do gênio,
Às rubras chispas ideais, ferventes!...

SONETO

À Julieta dos Santos

Imaginaí um misto de alvoradas
Assim com uns vagos longes de fâlena,
Ou mesmo uns *quês* suaves de açucena
C'os magos prantos bons das madrugadas!...

Imaginaí mil cousas encantadas...
O tímido dulçor da tarde amena,
As esquisitas graças de uma Helena,
As vaporosas noites estreladas...

Que encontrareis então em JULIETA
O tipo são, fiel da Georgeta
Nos dois brilhantes, primorosos atos!...

E sentireis um fluido magnético
Trêmulo, nervoso, mórbido, patético,
Bem como a voz dos langues *psicattos*!...

SONETO

À Julieta dos Santos

Parece que nasceste, oh! pálida divina,
Para seres o farol, a luz das puras almas!...
Parece que ao estridor, ao frêmito das palmas
Exalças-te feliz à plaga cristalina!...

Parece que se partem, angélica *Bambina*,
Às campas glaciais dos Tassos e dos Talmas,
Lá quando no tablado as turbas sempre calmas
Transmutas em vulcão, em raio que fulmina!...

E quando majestosa, em lance sublimado
Dardejas do olhar, olímpico, sagrado
Mil chispas ideais, titânicas, ardentes!...

Então sente-se n'alma o trêmulo nervoso
Que deve ter o mar, fantástico, espumoso
Nos grossos vagalhões, indômitos, frementes!!...

SONETO

À Julieta dos Santos

Quando apareces, fica-se impassível
E mudo e quedo, trêmulo, gelado!...
Quer-se ficar com atenção, calado,
Quer-se falar sem mesmo ser possível!

Anda-se c'o a alma n'um estado horrível
O coração completamente ervado!...
Quer-se dar palmas, mas sem ser notado,
Quer-se gritar, n'uma explosão temível!...

Sobe-se e desce-se ao país das fadas,
Vaga-se co'as nuvens das mansões doiradas
Sob um esforço colossal, titânio!...

E as idéias galopando voam...
Então lá dentro sem parar, ressoam
As indomáveis convulsões do crânio!!...

SONETO

À Julieta dos Santos

Lágrimas da aurora, poemas cristalinos
Que rebentais das cobras do mistério!
Aves azuis do manto auri-sidéreo...
Raios de luz, fantásticos, divinos!...

Astros diáfanos, brandos, opalinos,
Brancas cecéns do Paraíso etéreo,
Canto da tarde, límpido, aéreo,
Harpa ideal, dos encantados hinos!...

Brisas suaves, virações amenas,
Lírios do vale, roseirais do lago,
Bandos errantes de sutis falenas!...

Vinde do arcano n'um potente afago
Louvar o Gênio das mansões serenas,
Esse Prodígio singular e mago!!...

JULIETA DOS SANTOS

*Tu passas rutilante em toda a parte
Oh! sol de nossa pátria, oh! sol da arte!...
Virgílio Várzea*

Quando eu te vi pela primeira vez no palco
Avassalando as almas,
N'um refferver de palmas,
Cheia de vida e cândido lirismo!
Senti na mente uns divinais tremores...
E louco e louco,
A pouco e pouco
Vi rebrantar o inferno cataclismo!...

Mil pensamentos galoparam, céleres
Por minha frente
E do horizonte
Quis arrancar os astros diamantinos,
Para arrojá-los a teus pés mimosos
E arrebatado,
Fanatizado
Por entre um mar de cintilantes hinos!...

Esse teu busto, a genial cabeça
Tão bem talhada
E burilada
Com o escopro límpido da arte,
Tem umas puras fulgurações suaves
E a tu'alma
Ardente ou calma
Os corações arrasta por toda a parte!...

A encarnação tu és das maravilhas,
A doce aurora,
Branda e sonora
Das teatrais e lúcidas idéias!...
Tens no olhar o filtro que arrebatava
E és profética
E magnética,
Possuis na voz o som das melopéias!...

És a escolhida para as grandes lutas
Esplendorosas
E majestosas!...
E sobre os débeis, delicados ombros,
Bem como Homero a sua lira d'ouro,
Resplandecente,
Trazes pendente
O Infinito enorme dos assombros!...

Quando apareces tudo ri e chora,
Se endeusa, agita,
Como que palpita
N'uma explosão de férvidos louvores!
E o potentado mais febril da terra
Gagueja um bravo,
E faz-se escravo
O mais severo e nobre dos senhores!...

A Dejaset, uma Favart, Rachel,
O João Caetano
Como um arcano
Imperscrutável, hórrido, terrível!...
Quebram as louças sepulcrais e frias
E te louvando
Vão recuando...
Dizem que é sonho, é mito, é impossível!

Oh! tu nasceste para suplantar, JULIETA
Os grandes mundos,

Os mais profundos
D'ess'arte bela, magistral, divina!...
E esse olhar tão expressivo e terno
Já eletriza
E cauteriza...
É como um raio que a corações fulmina!...

Que sol é este, vão bradando os pólos,
Tão sobranceiro,
Que o brasileiro
O vasto império confundindo está?!...
Venham teólogos, venham sábios... todos
Venham troianos,
Venham germanos,
Venham os vultos da Caldéia, lá!...

Oh! resolvi o mais atroz problema,
Fundo mistério,
Alto, sidéreo
Do gênio altivo na criança, ali!...
Vamos, natura, rasga o véu dos medos,
Dizei ó mares,
Falai luares,
Sombras dos bosques, respondi-me aqui!...

Astros da noite, tempestades, ventos
Erguei as vozes,
Falai velozes
N'um som estranho, n'um clangor audaz!...
E respondi-me e explicai ao orbe
Se essa menina,
Que nos fascina
É um fenômeno ou outro tanto mais!...

Tudo emudece na natura imensa
E desde os Andes,
Dos cedros grandes
Ao verme, à pedra, às amplidões do mar!...
Tudo se oculta na invisível raia
No espaço a bruma,
No mar a espuma
Vão-se esgarçando também, a se ocultar!...

Tudo emudece na natura imensa
Quando na cena
Surges serena
Como a visão das noites infantis!
Dos olhos vivos dos que são-te adeptos

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

